

Violência contra mulher: metassíntese nos periódicos Qualis A1 em Psicologia

Violence against women: metasynthesis in Qualis A1 journals in Psychology

Violencia contra mujer: metasíntesis en revistas Qualis A1 de Psicología

Paula Orchiucci Miura¹ 
 Alice Dantas de Medeiros² 

¹Autora para correspondência. Universidade Federal de Alagoas (Maceió). Alagoas, Brasil. paula.miura@ip.ufal.br

²Universidade Federal de Alagoas (Maceió). Alagoas, Brasil. alice.medeiros@ip.ufal.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: A violência contra a mulher é um problema de saúde pública com incidência global, que acontece em diversos âmbitos e que ocasiona sérios agravos para a saúde e o bem-estar físico, psicológico e social das mulheres vitimizadas. **OBJETIVOS:** Objetivou-se investigar e analisar as produções das revistas de Psicologia com Qualis A1 acerca da violência contra a mulher, por meio de uma revisão sistemática da literatura do tipo metassíntese. **MÉTODOS:** Pela Plataforma Sucupira, selecionou-se as revistas nacionais avaliadas pela CAPES no quadriênio 2013-2016. Mediante as páginas dos periódicos no banco SciELO, efetuou-se buscas com os descritores “violência contra a mulher”, “violência de gênero” e “violência doméstica”. A amostra final contou com seis periódicos e 27 artigos. **RESULTADOS:** Com base na leitura em profundidade, pôde-se observar: o caráter cíclico da violência, em que homens e mulheres atualizam as experiências de agressão vividas na infância; o desconhecimento, por parte dos profissionais da rede de enfrentamento, dos dispositivos legais existentes na própria rede; as intervenções encontradas não compõem a política pública de enfrentamento à violência contra a mulher. **CONCLUSÃO:** Concluiu-se que a violência contra a mulher atravessa gerações e ainda é minimizada e naturalizada em diversos contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Revisão de literatura. Violência doméstica.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Violence against women is a public health problem with a global incidence, which occurs in different areas and causes serious harm to the health and physical, psychological, and social well-being of victimized women. **OBJECTIVES:** The objective was to investigate and analyze the productions of Psychology journals with Qualis A1 about violence against women through a systematic literature review of the meta-synthesis type. **METHODS:** Through the Sucupira Platform, the national journals evaluated by CAPES in the 2013-2016 quadrennium were selected. Through the pages of journals in the SciELO database, searches were carried out with the descriptors “violence against women”, “gender violence” and “domestic violence”. The final sample included six journals and 27 articles. **RESULTS:** Based on the in-depth reading, it was possible to observe: the cyclical character of violence, in which men and women update their childhood experiences of aggression; the lack of knowledge, on the part of the professionals of the confrontation network, of the legal provisions existing in the network itself; the interventions found do not form part of the public policy to combat violence against women. **CONCLUSION:** It was concluded that violence against women crosses generations and is still minimized and naturalized in different contexts.

KEYWORDS: Psychology. Literature review. Domestic violence.

RESUMEN | INTRODUCCIÓN: La violencia contra la mujer es un problema de salud pública con incidencia mundial, que se presenta en diferentes ámbitos y provoca graves daños en la salud y el bienestar físico, psicológico y social de las mujeres victimizadas. **OBJETIVOS:** El objetivo fue investigar y analizar las producciones de revistas de Psicología con Qualis A1 sobre violencia contra la mujer, mediante una revisión bibliográfica sistemática del tipo meta-síntesis. **MÉTODOS:** A través de la *Plataforma Sucupira*, fueron seleccionadas las revistas nacionales evaluadas por CAPES en el cuatrienio 2013-2016. En las páginas de las revistas en SciELO, se realizaron búsquedas con los descriptores “violencia contra la mujer”, “violencia de género” y “violencia doméstica”. La muestra final incluyó seis revistas y 27 artículos. **RESULTADOS:** A partir de la lectura en profundidad, fue posible observar: el carácter cíclico de la violencia, en el que hombres y mujeres actualizan sus experiencias infantiles de agresión; el desconocimiento, por parte de los profesionales de la red de enfrentamiento, de las disposiciones legales existentes en la propia red; las intervenciones encontradas no forman parte de la política pública de combate a la violencia contra las mujeres. **CONCLUSIÓN:** Se concluyó que la violencia contra la mujer atraviesa generaciones y aún es minimizada y naturalizada en diferentes contextos.

PALABRAS CLAVE: Psicología. Revisión de literatura. Violencia domestica.

Introdução

O conceito de violência é compreendido, a partir de [Minayo](#) e Souza (1997), enquanto “ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual” (p. 514). A violência é comumente dirigida a grupos vulneráveis, como crianças, adolescentes, idosos e mulheres. Tratando especificamente sobre a violência contra a mulher em diversos contextos, foco deste artigo, entende-se que esse fenômeno está fundamentado nas desigualdades historicamente estabelecidas entre homens e mulheres, manifestando-se por meio de agressões — físicas, sexuais ou psicológicas — orientadas pelas diferenças de gênero ([United Nations](#) [UN], 1993).

Para [Scott](#) (1995), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (p. 86), por meio do qual são articuladas relações de poder. A categoria gênero delimita, portanto, a maneira pela qual homens e mulheres são vitimizados — as agressões direcionadas aos homens geralmente ocorrem na esfera pública, ao passo que a violência contra a mulher é perpetrada no ambiente doméstico ([Giffin](#), 1994). O ambiente doméstico caracteriza, por conseguinte, o conceito de violência doméstica, em que as agressões estão circunscritas ao espaço doméstico, ocorrendo entre pessoas que possuem — ou não — laços familiares ([Ministério da Saúde](#) [MS], 2002).

No Brasil, o período de 2007 a 2017 registrou um aumento de 30,7% no número de homicídios de mulheres, com 17 unidades federativas apresentando crescimento no número total de mulheres assassinadas ([Cerqueira](#) et al., 2019). Em revisão conduzida por [Martins](#) e Nascimento (2017) sobre a relação entre violência doméstica e álcool, do total de 84 produções investigadas, as mulheres foram apontadas como vítimas em 79,96% dos artigos, sendo o homem autor da violência em 85,71% das publicações. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020 destaca que 58,9% dos homicídios contra as mulheres ocorrem em residência; além de 89,9% dos assassinatos serem perpetrados pelo companheiro ou ex-companheiro da mulher vítima ([Fórum Brasileiro de Segurança Pública](#) [FBSP], 2020).

A violência contra a mulher ocasiona sérias consequências para a saúde física e psicológica da vítima, tais como: problemas de sono, fadiga, dores no corpo, hematomas e escoriações, úlcera, gastrite, síndrome do pânico, estresse e solidão ([Netto](#) et al., 2014). Mulheres vítimas de violência também podem apresentar maiores índices de depressão e ideação suicida, quando comparadas a mulheres não-vítimas ([Martínez](#) & Canetti, 2019). Apesar disso, segundo considerações de [Mattar](#) (2020) sobre a formação da psicologia no Brasil, na maior parte do século XX as questões relativas à violência de gênero foram ignoradas pelos profissionais psicólogos, que atribuíam ao fenômeno explicações patologizantes, ignorando, assim, a questão social atrelada a violência contra a mulher.

No contexto brasileiro, a Lei n. 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, reconhece distintas manifestações de violência, quais sejam: a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral ([Lei n. 11.340](#), 2006). Além disso, no ano de 2015 foi sancionada a Lei nº 13.104, por meio da qual o feminicídio passa a ser classificado como crime hediondo e circunstância qualificadora no crime de homicídio ([Lei n. 13.104](#), 2015).

O feminicídio, para ser classificado enquanto tal, precisa ser perpetrado por razões da condição de sexo feminino. Essas razões da condição de sexo feminino estão presentes em crimes que envolvem “I – violência doméstica e familiar; II – menosprezo ou discriminação à condição de mulher” ([Lei n. 13.104](#), 2015).

Desse modo, o âmbito jurídico identifica os prejuízos gerados pela violência na saúde e integridade da mulher vitimizada, dispondo, portanto, de mecanismos para a sua coibição e aplicação de penalidades.

Diante desse cenário, a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres estabelece ações nas dimensões “do combate, ... da prevenção, da assistência e da garantia de direitos das mulheres” ([Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres](#), 2011, p. 25). Além da Rede de Enfrentamento, há também a Rede de Atendimento, composta por diversos serviços, tais como: Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs), serviços de saúde, Defensorias da Mulher, Casas-Abrigo, Núcleos de Atendimento à Mulher, dentre outros ([Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres](#), 2011).

Dentre a variedade de serviços disponíveis, o psicólogo é um dos profissionais que atua na referida rede de enfrentamento e atendimento às mulheres em situação de violência, exercendo, nesses espaços, atividades essenciais, como o acolhimento inicial à mulher vitimizada, o encaminhamento a outros serviços da rede, e o planejamento e desenvolvimento do projeto terapêutico individual ([Conselho Federal de Psicologia](#) [CFP], 2013). Além disso, [Curia et al.](#) (2020) destacam, de maneira pertinente, o papel ocupado pela Psicologia não somente na área da atuação profissional, como também enquanto valioso campo de investigação acerca da temática em pauta.

Diante das perspectivas apresentadas, o objetivo da presente pesquisa foi investigar e analisar as produções acadêmicas das revistas de Psicologia com Qualis A1 sobre a temática da violência contra a mulher.

Método

A presente pesquisa é uma revisão sistemática da literatura do tipo metassíntese. Foram seguidas as recomendações propostas por [Oliveira et al.](#) (2015),

nas quais são indicadas cinco etapas para a realização da metassíntese: (a) exploração, por meio da qual são definidos os descritores e os bancos de dados a serem consultados; (b) refinamento, em que é feita uma leitura mais aprofundada do material selecionado; (c) cruzamento, com a finalidade de verificar a presença de materiais duplicados; (d) descrição, na qual são apresentados os dados presentes nos documentos; (e) análise, etapa em que é feita a análise aprofundada do conteúdo trazido no material.

Seguindo as etapas anteriormente descritas, foram selecionadas as revistas nacionais de Psicologia com Qualis A1, avaliadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no quadriênio 2013-2016, conforme descritas no site da Plataforma Sucupira. A partir da seleção das revistas, foram acessadas as páginas dos referidos periódicos na plataforma SciELO. Por meio dessa plataforma, é possível realizar pesquisas de artigos já publicados na revista em questão. Optou-se por realizar as buscas exclusivamente no SciELO, uma vez que todos os periódicos com Qualis A1 em Psicologia estão indexados nessa base. Com vistas a encontrar as produções acadêmicas nestas revistas referentes à temática da violência doméstica contra a mulher, realizaram-se buscas através dos seguintes descritores: “violência contra a mulher”, “violência de gênero” e “violência doméstica”. A partir dos resultados obtidos, empreendeu-se a leitura do título, resumo e palavras-chave de cada artigo, tendo-se verificado se o artigo estava relacionado ou não a temática. Não foram aplicados filtros referentes ao ano de publicação das produções, e não foram selecionados artigos de pesquisas secundárias.

Com a composição da amostra final, empreendeu-se a última fase da metassíntese, isto é, a leitura em profundidade dos artigos selecionados. A partir disso, as características metodológicas das produções foram agrupadas em um tópico e, em seguida, os artigos foram agrupados e analisados em categorias temáticas conforme orientações de [Minayo](#) (2014) para a condução da Análise de Conteúdo Temática.

Exploração

Ao longo do mês de setembro de 2020, realizou-se a busca na Plataforma Sucupira com a aplicação dos seguintes filtros: Classificação de Periódicos quadriênio 2013-2016; Área de Avaliação: Psicologia; Classificação: A1.

Essa busca gerou um total de 200 registros, contudo, foram selecionados apenas os periódicos nacionais, compondo uma amostra com seis revistas. Os resultados estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 1. Levantamento das revistas nacionais com Qualis A1 na área de Psicologia

Periódico	ISSN	Instituição	Escopo
Estudos de Psicologia (Campinas)	1982-0275	PUC - Campinas	Promover e divulgar o conhecimento científico e técnico nas áreas de Psicologia bem como discutir o significado de práticas tanto no campo profissional como no da pesquisa através de publicações de originais.
Estudos de Psicologia (Natal)	1678-4669	UFRN	Publica trabalhos inéditos em Psicobiologia e Psicologia Cognitiva; Psicologia Social Comunitária e Saúde Mental; Psicologia Social do Trabalho; A Psicologia e a atuação do psicólogo nas Políticas Sociais, Direitos Humanos e Relações Pessoa-ambiente.
Paidéia (USP)	1982-4327	USP	Publica artigos originais que abordem um problema claramente relacionado ao campo da Psicologia, especificamente nas áreas: Psicologia da Saúde, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Escolar e Educacional, Psicologia Social e Avaliação Psicológica.
Psicologia em Estudo	1807-0329	UEM	Publicar textos originais sobre temáticas na área de Psicologia e nas suas interfaces com as Ciências Humanas e as Ciências da Saúde, problematizando a realidade atual, contribuindo para a prática em Psicologia e promovendo o desenvolvimento teórico.
Psicologia: Reflexão e Crítica	1678-7153	UFRGS	Acolhe artigos de alta qualidade que descrevem pesquisas e revisões sobre temas em quatro campos principais da psicologia: Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Experimental, Avaliação Psicológica e Psicologia da Saúde.
Psicologia: Teoria e Pesquisa	1806-3446	UnB	Publica artigos originais vinculados a quatro grandes áreas temáticas: (a) Ciências do Comportamento e Neurociências; (b) Psicologia do Desenvolvimento e Escolar; (c) Psicologia Clínica e Cultura; e (d) Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações.

Fonte: As autoras, (2020).

Com a seleção das revistas, realizaram-se buscas na plataforma SciELO ao longo do mês de setembro de 2020, com vistas a identificar e selecionar os artigos publicados sobre a temática em pauta. Para tanto, foram utilizados os descritores “violência contra a mulher”, “violência de gênero” e “violência doméstica”, gerando o quantitativo de resultados dispostos no Quadro 2:

Quadro 2. Resultados obtidos nas buscas empreendidas na plataforma SciELO

Revistas A1	Violência contra a mulher	Violência de gênero	Violência doméstica	Repetição Inter Descritores	Artigos encontrados	Artigos relacionados à temática
Estudos de Psicologia (Campinas)	6	3	7	3	13	6
Estudos de Psicologia (Natal)	1	4	3	0	8	2
Paidéia (USP)	3	7	10	1	19	5
Psicologia em Estudo	4	7	8	3	16	6
Psicologia: Reflexão e Crítica	2	7	2	3	8	1
Psicologia: Teoria e Pesquisa	6	8	7	5	16	9
TOTAL	22	36	37	15	80	29

Fonte: As autoras, (2020).

Refinamento e cruzamento

Por meio do descritor “violência contra a mulher”, encontrou-se um total de 22 artigos; com o descritor “violência de gênero” obteve-se 36 artigos; e o descritor “violência doméstica” gerou 37 artigos. Na etapa do cruzamento, verificou-se 15 artigos repetidos entre os descritores, e com a sua exclusão, alcançamos uma amostra composta por 80 artigos. Através da leitura do título, resumo e palavras-chave de cada artigo, foram identificadas 29 produções relacionadas à temática. A partir dessa amostra, foram excluídos dois artigos: um artigo por se tratar da resenha de um livro, e outro por ser uma discussão teórica, perfazendo uma amostra final composta por 27 artigos.

Resultados e Discussão

Descrição

O total de 27 artigos selecionados estão distribuídos da seguinte forma: quatro artigos publicados pela Paidéia, dois artigos da Estudos de Psicologia (Natal), seis artigos da revista Estudos de Psicologia (Campinas), seis artigos da Psicologia em Estudo, e nove artigos do periódico Psicologia: Teoria e Pesquisa.

Quanto às regiões das instituições vinculadas a cada revista, é possível observar uma prevalência das regiões Sudeste (2) e Sul (2). Há uma revista vinculada a uma instituição da região Nordeste, e uma revista vinculada a uma instituição da região Centro-Oeste. Não há periódicos vinculados a instituições da região Norte.

Os artigos foram publicados ao longo dos anos de 2002 a 2019; o ano de 2011 apresentou o maior número de publicações, com um total de cinco artigos, seguido pelos anos de 2009, 2014, 2016 e 2017, cada qual com três artigos publicados. Em 2008 e 2019 foram publicados respectivamente dois artigos, e somente um artigo foi publicado nos anos de 2002, 2005, 2010, 2012, 2015 e 2018. É possível identificar, portanto, um aumento expressivo no número de publicações a partir do ano de 2008, com exceção do ano de 2013, o qual não apresentou nenhuma publicação. Observa-se também que até o ano de 2007, as revistas A1 haviam publicado somente dois artigos relacionados à temática da violência contra a mulher.

Identificamos 62 autores dentre os 27 artigos que compõem nossa amostra. Entre eles, 58 autores estavam vinculados a 23 instituições de ensino, havendo predomínio de instituições das regiões Sudeste e Sul, cada qual com sete instituições respectivamente. Quatro instituições são da região Nordeste, duas instituições do Centro-Oeste e duas instituições da região Norte do país. Também foram encontrados dois autores vinculados a instituições estrangeiras, mais especificamente, instituições da Espanha. Com relação ao tipo de instituição de ensino em que os autores se encontravam vinculados, treze são instituições públicas brasileiras, duas são instituições internacionais, sete são instituições privadas, e uma instituição é de caráter filantrópico, o que aponta para a relevância das instituições públicas na realização de pesquisas com a temática da violência contra a mulher.

Entre os 27 artigos selecionados, apenas catorze explicitaram o recebimento de apoio de instituições de fomento à pesquisa. Esse é um dado relevante a ser considerado, uma vez que são publicações em periódicos com a melhor classificação nacional. Houve uma prevalência de financiamento pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (7), seguido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (3) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (2). Um artigo obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA),

e um artigo foi financiado pela Fundação MacArthur e pelo Fundo Ângela Borba.

Características metodológicas das produções

Dentre os 27 artigos componentes de nossa amostra final, 13 adotaram a abordagem qualitativa de pesquisa, 7 artigos adotaram a abordagem quantitativa e 7 produções eram de abordagem mista.

No tocante a técnica de coleta de dados, 19 produções utilizaram entrevistas, dentre as quais: entrevistas semiestruturadas (11); entrevistas guiadas (4); entrevistas com a estrutura não especificada (4); *Mini International Neuropsychiatric Interview* (MINI) (1); e Entrevista do Ciclo de Vida Familiar (1). Também foram utilizados, em 8 artigos, inventários, escalas e testes para a coleta de dados, tais como: Inventário de Estilos Parentais (2); Inventário de Depressão de Beck (2); Inventário de Ansiedade de Beck (2); Escala de Táticas de Conflito (2); *Abuse Assessment Screen* (AAS) (1); *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) (1); Escala de Auto-estima (1); *Romantic Jealousy Scale* (RJS) (1); Método de Rorschach (1); Inventário de Potencial de Abuso Infantil (1). Ademais, em dois artigos foi empregada a ficha de dados pessoais e sociodemográficos e, em quatro publicações, foram utilizados questionários junto aos participantes.

Quanto à análise dos dados, houve a prevalência da técnica da Análise de Conteúdo (11); seguida pela Teoria Fundamentada de Strauss e Corbin (3), Análise descritiva (2), e Análise Interpretativa de Frederick Erickson (1). Em 8 artigos foram empregados procedimentos e ferramentas de análise quantitativa e estatística, tais como: Teste t de *Student* (2); Teste de Associação Qui-quadrado (2); Teste exato de *Fisher* (1); Teste de *Wilcoxon* (1); Análise de Variância (ANOVA) (1) e regressão logística (1); além de *softwares*, com destaque para o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) (4), o *software Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte* (Alceste) (1) e o programa EPI-INFO 6.04 d (1). A análise qualitativa também contou com o uso de *softwares*; em nossa amostra, dois artigos empregaram o programa Atlas/ti 5.0.

Análise de Conteúdo Temática

A partir da leitura em profundidade dos 27 artigos foram identificadas quatro categorias temáticas: Homens com histórico de violência; Percepções acerca da violência contra a mulher; Intervenções; e Mulheres vítimas de violência doméstica.

Homens com histórico de violência

Esta categoria é composta por cinco artigos, nos quais a investigação está centrada em homens com histórico de violência contra a mulher (Cortez et al., 2005; Padovani & Williams, 2002, 2011; Priolo Filho et al., 2019; Stenzel & Lisboa, 2019). As publicações contaram com a participação de um total de 92 homens; desse total, 51 participantes já haviam cometido ao menos uma agressão contra a companheira. Dentre eles, somente 31 haviam sido formalmente denunciados. A violência psicológica foi o tipo mais citado de agressão (Cortez et al., 2005; Priolo Filho et al., 2019), seguida pela violência física. Os xingamentos constituíram a forma mais comum de violência entre os participantes do grupo de agressores da pesquisa de Priolo Filho et al. (2019); entretanto, cerca de 80% deles relataram sentimento de culpa após o episódio agressivo, e metade reconheceu ter problemas para controlar o comportamento agressivo diante do ciúme.

O participante do estudo de caso realizado por Padovani e Williams (2002) também relatou sentir culpa ao agredir a esposa, reconhecendo a violência como um “comportamento inadequado” – apesar das agressões físicas e psicológicas ocorrerem no casamento há 23 anos. Em contrapartida, os participantes do artigo de Cortez et al. (2005) responsabilizaram suas parceiras pela violência cometida, uma vez que elas teriam provocado a agressão conjugal por “falarem demais”. A pesquisa de Stenzel e Lisboa (2019) com três agressores conjugais evidenciou casos com desfechos trágicos: a violência culminou no assassinato das companheiras de dois participantes, enquanto o terceiro agrediu fisicamente a ex-cônjuge que já possuía medida protetiva contra ele.

Cabe destacar a importante distinção observada na autoria dessas publicações: enquanto um artigo foi publicado por Gabriela Stenzel e Carolina Lisboa, nos demais artigos identificamos a parceria entre os autores Ricardo Padovani e Lúcia Williams. A diferença encontrada na autoria das publicações

se mostrou como um elemento interessante para compreender os distintos percursos metodológicos adotados pelos autores.

Nos quatro artigos em que se dá a parceria entre Ricardo Padovani e Lúcia Williams (Cortez et al., 2005; Padovani & Williams, 2002, 2011; Priolo Filho et al., 2019), percebe-se um interesse contínuo em pesquisar a temática “Homens com histórico de violência”, uma vez que as publicações estão distribuídas ao longo dos anos de 2002 a 2019. Destaca-se a utilização, em dois artigos (Cortez et al., 2005; Padovani & Williams, 2002), do modelo terapêutico cognitivo-comportamental como possibilidade de intervenção junto aos homens com histórico de agressão conjugal.

Por outro lado, o artigo das autoras Stenzel e Lisboa (2019) possui referencial teórico bem definido, qual seja, a psicanálise. Para investigar o histórico de vida e as características da personalidade de homens agressores, é empregado o Método de Rorschach, e para a interpretação dos seus resultados, utiliza-se o aporte psicanalítico. Apesar dos distintos métodos e abordagens adotados pelos autores, foi possível identificar convergências entre os resultados encontrados: o artigo de Stenzel e Lisboa (2019) destacou a vivência da violência doméstica na infância dos homens com histórico de agressão, constatação também encontrada em três artigos publicados com a parceria entre Padovani e Williams (Cortez et al., 2005; Padovani & Williams, 2002, 2011).

Ademais, detectou-se a presença de níveis mais elevados de ansiedade (Padovani & Williams, 2011; Priolo Filho et al., 2019) e de estresse emocional (Stenzel & Lisboa, 2019) entre os homens agressores; além de haver um maior uso de substâncias psicoativas ilícitas entre os participantes (Padovani & Williams, 2011; Priolo Filho et al., 2019;). Quanto à possibilidade de intervenção, o emprego da terapia cognitivo-comportamental apontou para uma redução significativa da violência praticada pelos agressores conjugais (Cortez et al., 2005; Padovani & Williams, 2002).

De modo geral, os resultados dos artigos apontam para a vivência de violência doméstica ainda na infância dos homens autores de agressão. As principais formas de agressão cometidas pelos perpetradores foram a violência física e psicológica, e uma parcela da amostra reunida nas pesquisas analisadas já havia sido formalmente denunciada. Ademais, quando comparados aos homens sem histórico de violência,

os participantes agressores apresentaram maiores índices de estresse emocional e ansiedade, além de maior consumo de bebidas alcoólicas e de substâncias psicoativas ilícitas.

Percepções acerca da violência contra a mulher

Sete artigos compõem esta categoria. Dentre eles, quatro publicações contaram com a participação de profissionais da saúde e da rede de enfrentamento ([Medrado et al., 2011](#); [Pedrosa & Zanello, 2016](#); [Porto & Bucher-Maluschke, 2012, 2014](#)). As demais publicações tratam de pesquisas conduzidas com adolescentes ([Arantes et al., 2010](#); [Oliveira et al., 2016](#)) e com estudantes universitários ([Costa et al., 2016](#)). Em todos os artigos, buscou-se investigar as percepções dos participantes sobre aspectos pertinentes ao tema da violência contra a mulher.

Foi possível identificar a parceria entre Madge Porto e Júlia Bucher-Maluschke em duas publicações ([Porto & Bucher-Maluschke, 2012, 2014](#)). Nesses artigos, é investigado o entendimento de psicólogos acerca da permanência de mulheres em situação de violência. Os psicólogos participantes dessas investigações elencaram a dependência emocional e financeira como uma das possíveis motivações para a permanência das mulheres em relações conjugais violentas. Ademais, alguns psicólogos de abordagem psicanalítica compreenderam, de certa forma, a relação violenta como sendo de corresponsabilidade da mulher. O “sadomasoquismo” foi o elemento utilizado para a construção desse argumento; essa explicação parece, entretanto, concentrar-se na dimensão subjetiva da problemática, ignorando as questões sociais implicadas nesse fenômeno, conforme críticas tecidas pelo movimento feminista ([Porto & Maluschke, 2012](#)).

Há também dois artigos em que o grupo-alvo é composto por profissionais da rede ([Medrado et al., 2011](#); [Pedrosa & Zanello, 2016](#)). A pesquisa com profissionais da saúde atuantes em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) ([Pedrosa & Zanello, 2016](#)) indicou lacunas consideráveis no que diz respeito aos conhecimentos sobre a Lei Maria da Penha e dos instrumentos legais disponíveis para atender a essa demanda — ainda que todos os participantes já tivessem, em algum momento, atendido uma mulher em situação de violência. Do total de doze profissionais entrevistados, nove não realizavam a notificação

compulsória de violência contra a mulher, desconhecendo o papel dessa estratégia para levantamentos epidemiológicos ([Pedrosa & Zanello, 2016](#)).

Somente um artigo tratou da compreensão acerca das perspectivas de atenção aos homens agressores ([Medrado et al., 2011](#)), consistindo em uma pesquisa com 55 profissionais da rede de enfrentamento à violência. Os participantes relataram três medidas possíveis a serem adotadas: medidas punitivas, como a prisão ou reeducação; medidas preventivas, visando a prevenção da violência e de sua reincidência, por meio da educação de gênero; e medidas assistenciais, com enfoque na atenção psicossocial. As demais publicações não abordam o cuidado junto ao homem agressor. Com isso, aponta-se para a necessidade de maiores pesquisas envolvendo a percepção dos profissionais sobre os homens denunciados, uma vez que o cuidado junto a esse público é indispensável no enfrentamento à violência contra a mulher. Sendo assim, é preciso trabalhar essa temática junto aos profissionais que conduzem as intervenções e que são integrantes da rede de enfrentamento e atendimento à mulher em situação de violência.

Já o artigo de [Costa et al. \(2016\)](#), conduzido com 264 estudantes universitários, averiguou se a presença de ciúmes pode minimizar o significado da violência. Para isso, os participantes escutaram duas gravações retratando situações de “ciúme” e “não ciúme”; metade ouviu a descrição de um marido que agride a esposa, enquanto a outra metade foi exposta a uma situação de não-agressão. Constatou-se que a agressão foi compreendida, independente do contexto, como um comportamento inadequado; entretanto, quando a agressão se deu em um cenário de ciúme, os estudantes universitários estiveram inclinados a entendê-la como mais justificável. Desse modo, os participantes parecem perceber o ciúme como um elemento capaz de minimizar a gravidade da agressão.

Corroborando os achados de [Costa et al. \(2016\)](#), os estudos de [Oliveira et al. \(2016\)](#) e [Arantes et al. \(2010\)](#) contaram, respectivamente, com a participação de 3.724 adolescentes e 120 adolescentes. Os dados demonstraram que o ciúme e a infidelidade são “fatores que legitimam e justificam as agressões físicas entre namorados, tanto por parte dos meninos, quanto por parte das meninas” ([Oliveira et al., 2016, p. 4](#)).

Na pesquisa de [Arantes et al. \(2010\)](#), os adolescentes foram apresentados a um texto no qual uma adolescente narra os conflitos de seu relacionamento, objetivando-se, com isso, identificar e analisar os posicionamentos dos participantes diante da situação. Uma parcela de participantes percebeu a violência narrada como inevitável e, portanto, apontaram a manutenção do relacionamento com o agressor como postura possível de ser assumida pela adolescente.

Em geral, o foco das publicações pertencentes a essa categoria esteve em investigar, entre seus participantes, as percepções e crenças apresentadas acerca do tema da violência contra a mulher. Para tanto, as pesquisas contaram com uma diversidade de participantes, dentre os quais profissionais que atuam diretamente com mulheres em situação de violência e que demonstraram, em grande parte, desconhecimento quanto aos dispositivos da rede de enfrentamento. Apenas um artigo investiga o cuidado dos profissionais junto a homens agressores, dado relevante para se pensar a lacuna existente quanto ao tema. Dentre os artigos com universitários e adolescentes, identificou-se a presença, ainda constante, de elementos capazes de “minimizar” — e até justificar — a violência percebida, como por exemplo, nos casos em que o ciúme e a infidelidade estão presentes.

Intervenções

Cinco artigos compõem esta categoria. A intervenção conduzida por [Oliveira e Araújo \(2014\)](#) teve como cenário a Associação e Cooperativa de Catadores do interior paulista, cuja ação envolveu seus integrantes e contou com o financiamento da FAPESP. Por sua vez, o artigo de [Santini e Williams \(2016\)](#) relata o trabalho desenvolvido pelo Projeto Parceria, ação conduzida no estado de São Paulo e financiada pelo CNPq, tendo como público-alvo mães vitimadas que haviam sido encaminhadas ao ambulatório e ao estágio supervisionado da Universidade Federal de São Carlos. Já a intervenção organizada por [Pedrosa \(2009\)](#) obteve apoio financeiro do Programa Gênero Reprodução Ação e Liderança, organizado pela Fundação MacArthur e pela Fundação Carlos Chagas; seu público-alvo foi composto pelas mulheres vítimas de violência e profissionais da saúde de uma comunidade em uma cidade no interior paulista. Sendo assim, a ação ocorreu no próprio salão comunitário do município.

Não foi possível identificar a presença de financiamento nas intervenções desenvolvidas por [Porto \(2008\)](#) e [Guimarães et al. \(2017\)](#). Dito isso, a ação realizada por [Porto \(2008\)](#) teve como cenário a Casa Abrigo Mãe da Mata (CAMM), iniciativa criada pelo Governo do Estado do Acre em parceria com a Fundação Banco do Brasil e com o Ministério da Justiça. Por outro lado, o trabalho de [Guimarães et al. \(2017\)](#) foi desenvolvido com mulheres vitimizadas atendidas pelos Núcleos de Atendimento às Famílias e Autores de Violência Doméstica (NAFVD), espaços gerenciados pela Secretaria do Estado da Mulher (SEM) do Distrito Federal.

As intervenções são propostas e concretizadas pelos próprios autores dos artigos, em sua maioria pesquisadores e pesquisadoras de universidades públicas. Destaca-se a participação, em [Guimarães et al. \(2017\)](#), de dois autores vinculados a duas instituições jurídicas: o Tribunal de Justiça do Distrito Federal, e o Superior Tribunal de Justiça. As intervenções não são, portanto, componentes da política pública de enfrentamento à violência contra a mulher, apesar de, muitas vezes, ter tido como cenário uma instituição pública da rede de combate à violência — como é o caso de [Porto \(2008\)](#) e [Guimarães et al. \(2017\)](#). As intervenções conduzidas nesses espaços públicos parecem fortalecer as ações neles desenvolvidas, uma vez que promovem avanços nas atividades dos profissionais atuantes ([Porto, 2008](#)), bem como fornecem novos exemplos de condutas de acolhimento para com as mulheres vitimizadas ([Guimarães et al., 2017](#)).

É possível observar uma diversidade de técnicas e instrumentos utilizados para a concretização das intervenções. Nos artigos em que o público-alvo foram as mulheres vitimizadas, empregou-se o livro “Mas ele diz que me ama: Gráfico Novel de uma Relação Violenta” como disparador da discussão em grupo ([Guimarães et al., 2017](#)); e com vistas a intervir nas habilidades parentais das mulheres, realizaram-se encontros individuais psicoterapêuticos ([Santini & Williams, 2016](#)). Já nas produções em que as participantes não eram necessariamente vítimas de violência, foram feitas intervenções alicerçadas na metodologia participativa, seja por meio de oficinas ([Pedrosa, 2009](#)) ou através de sessões de Teatro Fórum ([Oliveira & Araújo, 2014](#)). Em contrapartida, a ação conduzida junto às psicólogas de um abrigo para mulheres vitimizadas esteve

pautada na supervisão dessas profissionais através de um modelo de intercontrole (Porto, 2008).

Ainda que todos os artigos ressaltem os resultados positivos gerados pelas intervenções, são apresentados somente os efeitos produzidos a curto prazo, como por exemplo, a possibilidade de se ter um espaço em que a violência de gênero é problematizada e pensada pelas mulheres. Em outras palavras, as intervenções revisadas possuem, muitas vezes, um caráter pontual, havendo a carência de estudos que acompanhem, a longo prazo, os resultados das intervenções conduzidas. Além disso, observou-se que das cinco intervenções relatadas nos artigos, três receberam financiamento para a sua realização; as iniciativas foram desenvolvidas pelos próprios autores das publicações — em sua maioria, pesquisadores de universidades públicas. Cabe destacar que as intervenções descritas não compõem a rede pública de enfrentamento à violência contra a mulher.

Mulheres vítimas de violência doméstica

Dez artigos compõem a presente categoria. Em todas as publicações, as pesquisas buscaram descrever e analisar aspectos relacionados a casos de mulheres vítimas de violência, utilizando, para isso, distintos termos: violência conjugal (Cortez & Souza, 2008; Sant'Anna & Penso, 2017), *violencia en la relación de pareja* (Alencar-Rodrigues & Espinosa, 2014), violência doméstica (Lima & Werlang, 2011), violência intrafamiliar (Melo et al., 2009), violência na família (Krenkel et al., 2015), e violência contra a mulher (Gadoni-Costa et al., 2011; Lawrenz et al., 2018; Santos & Moré, 2011; Silva et al., 2009).

O ponto central em quatro investigações é a violência na relação conjugal, conduzidas junto a um casal (Sant'Anna & Penso, 2017), e contando, no total, com 30 mulheres participantes (Alencar-Rodrigues & Espinosa, 2014; Cortez & Souza, 2008; Lima & Werlang, 2011). Nessas publicações, os participantes relataram vivências de violência doméstica ainda na infância, seja como testemunhas das agressões ou como vítimas; a situação de violência parece ser renovada a partir das agressões cometidas pelos companheiros (Lima & Werlang, 2011; Sant'Anna & Penso, 2017). Dentre as formas de agressão, destaca-se a física e a psicológica, cometidas de maneira recorrente (Cortez & Souza, 2008; Lima & Werlang, 2011). A violência era praticada principalmente em domicílio, e o principal elemento motivador para as agressões

seria a desobediência, por parte da mulher, em cumprir com as obrigações exigidas por seus companheiros (Cortez & Souza, 2008).

Em comparação com os demais artigos que abordaram a violência conjugal, a pesquisa de Alencar-Rodrigues e Espinosa (2014) não foi conduzida em território brasileiro. Para entender as formas de enfrentamento adotadas por mulheres vitimizadas, foram entrevistadas catorze mulheres latino-americanas, que haviam imigrado para a Espanha e estavam em situação de violência. A distância da família de origem, o isolamento e o medo da deportação foram relatados, pelas participantes, como fatores desfavoráveis à busca de ajuda. Apesar disso, doze mulheres acessaram os serviços sociais, sanitários e legais em busca de resolução para as agressões; dez participantes contaram com o apoio de familiares, amigos e profissionais para o enfrentamento da situação.

Duas publicações também estiveram centradas, em suas temáticas, nas redes relacionais de mulheres vitimizadas (Krenkel et al., 2015) e nas repercussões e formas de enfrentamento adotadas pelas mulheres (Santos & Moré, 2011). Dentre as doze participantes acolhidas em um abrigo, sua estadia esteve marcada pelo apoio oferecido por amigos e familiares através de visitas à instituição, além do acolhimento e orientação fornecidos por profissionais da área jurídica, da saúde e da assistência social (Krenkel et al., 2015). Resultado semelhante foi encontrado por Santos e Moré (2011), em que as dez mulheres participantes, vítimas de violência, passaram a vivenciar dificuldades no trabalho e na vida social e familiar; apresentando danos físicos e psicológicos. Apesar disso, as participantes adotaram, como forma de enfrentamento, a busca de apoio em familiares e amigos, e do estabelecimento de contato com profissionais da psicologia e do serviço social (Santos & Moré, 2011).

Três pesquisas utilizaram documentos como fontes de dados, seja para conduzir um levantamento dos casos atendidos pelo setor de Psicologia de uma Delegacia para a Mulher, em Porto Alegre (Gadoni-Costa et al., 2011), para descrever as notificações de violência contra a mulher registradas nas Fichas Individuais de Notificação (FIN) e disponíveis no Sistema de Informação de Agravo de Notificação (SINAN) do Rio Grande do Sul (Lawrenz et al., 2018), ou para investigar a relação entre violência contra a mulher e organização familiar (Melo et al., 2009).

Através desses documentos, constatou-se que as vítimas possuíam idade que variava de 19 a 45 anos; as pesquisas apontaram para um elevado índice de consumo de álcool e outras drogas entre os autores da violência, e, em grande parte dos casos, a agressão foi cometida por homens, geralmente companheiros ou ex-companheiros das mulheres vitimizadas (Gadoni-Costa et al., 2011; Lawrenz et al., 2018; Melo et al., 2009). Em Gadoni-Costa et al. (2011), foi verificada a prevalência da violência psicológica nos casos atendidos, contudo, a violência física adquiriu maior importância nas fichas analisadas, devido “à prioridade que é dada às consequências físicas em detrimento das psicológicas, que são igualmente graves” (p. 223). Divergindo desses resultados, a pesquisa de Lawrenz et al. (2018) constatou a predominância das agressões físicas nos documentos.

Resultados semelhantes foram encontrados na publicação de Silva et al. (2009), conduzida junto a 170 mulheres atendidas no Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira, em Recife, Pernambuco, com vistas a identificar e analisar casos de mulheres que presenciaram violência na infância e/ou adolescência e foram vítimas na vida adulta. Em 39,7% dos casos, as mulheres vitimizadas haviam presenciado violência na infância e/ou adolescência; em 60,0% das vezes, o agressor era o próprio pai da participante. As agressões mais frequentemente testemunhadas foram xingamentos (42,8%) e bofetadas (35,5%).

De maneira geral, os artigos presentes nesta categoria trazem casos de violência doméstica em que há prevalência de relatos de agressões físicas e psicológicas, cometidas principalmente pelos companheiros das vítimas. Constatou-se que os serviços de atendimento dão uma maior atenção às agressões físicas, em detrimento das agressões psicológicas. A violência costuma ocorrer de maneira recorrente, e, em muitos casos, as mulheres já haviam vivenciado a violência doméstica em sua infância e adolescência. Achados semelhantes foram encontrados no cenário da violência conjugal, em que o casal parece repetir as experiências violentas vivenciadas e testemunhadas durante a infância. Os estudos identificaram elevado índice de consumo de bebida alcoólica pelo perpetrador, e grande parte dos episódios de agressão ocorreram no domicílio da vítima.

Considerações finais

A realização dessa pesquisa possibilitou a investigação e análise das produções acadêmicas das revistas de Psicologia com Qualis A1 sobre a temática da violência contra a mulher. Esse tipo de violência é um problema de saúde pública com incidência global, que acontece em diversos contextos e que ocasiona sérios agravos para a saúde e o bem-estar físico, psicológico e social das mulheres vitimizadas. Pôde-se observar que esse fenômeno atravessa gerações e que, ainda, é um problema minimizado e naturalizado, o que não contribui para o processo de enfrentamento desse tipo de violência.

No contexto brasileiro, apesar de terem sido criados dispositivos legais para combater esse tipo de violência — como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio —, observa-se a tendência de aumento entre os índices de agressões praticadas contra as mulheres. Diante desse cenário, os dados divulgados em artigos científicos são de suma importância para que se possa compreender o fenômeno e, assim, construir estratégias pertinentes para o enfrentamento dessa problemática.

Pôde-se perceber também na presente pesquisa o caráter cíclico da violência, em que homens e mulheres atualizam, na vida adulta, as experiências de violência vividas na infância. As agressões costumam ser recorrentes, e há um elevado índice de consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas entre os homens agressores. Os artigos revisados também demonstraram um desconhecimento, por parte dos profissionais da rede de enfrentamento, dos dispositivos legais existentes na própria rede; ademais, também foram encontrados elementos capazes de diminuir a gravidade percebida da violência, tais como o ciúme e a infidelidade — no contexto de relacionamentos conjugais. Além disso, foi possível observar que as intervenções realizadas possuíam um caráter pontual, com ações desenvolvidas a curto prazo e que não são integrantes da rede pública de enfrentamento à violência contra a mulher.

Diante dessas perspectivas, a presente pesquisa apresentou como limitação o recorte do material selecionado e analisado — restrito somente a publicações de periódicos de Psicologia com Qualis A1.

Sendo assim, para pesquisas futuras, indicamos a possibilidade de investigar as produções de revistas classificadas nos demais Qualis, bem como analisar as publicações sobre violência contra a mulher presentes em revistas nacionais — e internacionais — com os maiores fatores de impacto.

Contribuições dos autores

Miura, P. O. participou da concepção, delineamento e revisão dos dados da pesquisa. Medeiros, A. D. participou da coleta dos dados, análise dos dados, redação e encaminhamento do artigo científico.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Internacional de Educação e Saúde é indexada no [EBSCO](#), [DOAJ](#) e [LILACS](#).





Referências

- Alencar-Rodrigues, R., & Espinosa, L. M. C. (2014). Como mulheres imigrantes enfrentam a violência de gênero? *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(1), 4-12. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100002>
- Arantes, V. A., Sastre, G., & González, A. (2010). Violência contra a mulher e representações mentais: um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 109-120. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100013>
- Cerqueira, D., Bueno, S., Lima, R. S., Neme, C., Ferreira, H., Alves, P. P., Marques, D., Reis, M., Cypriano, O., Sobra, I., Pacheco, D., Lins, G., Armstrong, K. (2019). *Atlas da violência 2019*. IPEA. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de violência. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. <http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2013/05/2013-05-02b-MULHER.pdf>
- Cortez, M. B., Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2005). Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(1), 13-21. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100003>
- Cortez, M. B., & Souza, L. (2008). Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 171-180. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200006>
- Costa, N., Gomes, H., Almeida, T., Pinheiro, R. S., Almeida, C., Gondim, L., Silva, M., Campos, R. S., Silva, S. M., & Lima, V. (2016). Violência contra a mulher: o "ciúme" pode atenuar o significado da violência? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 525-533. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300015>
- Curia, B. G., Gonçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., & Habigzang, L. (2020). Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e189184. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003189184>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>
- Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N., & Dell'Aglio, D. D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 219-227. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200009>
- Giffin, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(suppl. 1), S146-S155. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500010>
- Guimarães, F. L., Diniz, G. R. S., & Angelim, F. P. (2017). "Mas Ele Diz que me Ama...": Duplo-Vínculo e Nomeação da Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e3346. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3346>

- Krenkel, S., Moré, C. L. O. O., & Motta, C. C. L. (2015). As Redes Sociais Significativas de Mulheres Acolhidas em Casa-Abrigo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 25(60), 125-133. <https://doi.org/10.1590/1982-43272560201515>
- Lawrenz, P., Macedo, D. M., Hohendorff, J., Freitas, C. P. P., Foschiera, L. N., & Habigzang, L. F. (2018). Violência contra Mulher: Notificações dos Profissionais da Saúde no Rio Grande do Sul. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e34428. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34428>
- Lei n. 11.340 de 7 de agosto de 2006. (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Lei n. 13.104 de 9 de março de 2015. (2015). Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm
- Lima, G. Q., & Werlang, B. S. G. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 511-520. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000400002>
- Martínez, S. L., & Canetti, W. A. (2019). Depressão e ideação do suicídio em mulheres vítimas de violência do parceiro íntimo. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 9(1), 178-204. <https://dx.doi.org/10.26864/pcs.v9.n1.1>
- Martins, A. G., & Nascimento, A. R. A. (2017). Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(1), 107-121. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672017000100009
- Mattar, C. M. (2020). Psicologia em tempos sombrios e o despertar da bela adormecida: estudos em subjetividade e clínica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72, 18-32. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300003
- Medrado, B., Lemos, A. R., & Brasilino, J. (2011). Violência de gênero: paradoxos na atenção a homens. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 471-478. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000300014>
- Melo, Z. M., Silva, D. M., & Caldas, M. T. (2009). Violência intrafamiliar: crimes contra a mulher na área metropolitana do Recife. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 111-119. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000100014>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14a ed.). Hucitec. (Texto originalmente publicado em 1992)
- Minayo, M. C. S., & Souza, E. R. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 4(3), 513-531. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701997000300006>
- Ministério da Saúde. (2002). *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Secretaria de Políticas de Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf
- Netto, L. A., Moura, M. A. V., Queiroz, A. B. A., Tyrrell, M. A. R., & Bravo, M. M. P. (2014). Violência contra a mulher e suas consequências. *Acta Paulista de Enfermagem*, 27(5), 458-464. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400075>
- Oliveira, A. A. S., Trancoso, A. E. R., Bastos, J. A., & Canuto, L. T. (2015). Metassíntese Apontamentos para sistematização de revisões amplas e crítica interna à produção científica. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 1, 147-152. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/36>
- Oliveira, É. C. S., & Araújo, M. F. (2014). O Teatro Fórum como dispositivo de discussão da violência contra a mulher. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(2), 257-267. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000200011>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), e32323. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32323>
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2002). Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 13-17. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000200003>
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2011). Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 263-269. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300008>

- Pedrosa, C. M. (2009). A construção de uma ferramenta social para promoção da saúde e dos direitos das mulheres. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(42), 123-129. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100015>
- Pedrosa, M., & Zanello, V. (2016). (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, e32ne214. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne214>
- Porto, M. (2008). Intervenção psicológica em abrigo para mulheres em situação de violência: uma experiência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(3), 369-374. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000300014>
- Porto, M., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2012). Violência, mulheres e atendimento psicológico na Amazônia e no Distrito Federal. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 297-306. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000200013>
- Porto, M., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2014). A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 267-276. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300004>
- Priolo Filho, S. R., Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2019). Ciúme e ansiedade em homens que agridem a parceira: um estudo comparativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, e180026. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180026>
- Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2017). A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e33427. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33427>
- Santini, P. M., & Williams, L. C. A. (2016). Efeitos de procedimentos para maximizar o bem-estar e a competência parental em mulheres vitimizadas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(4), 711-721. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000400014>
- Santos, A. C. W., & Moré, C. L. O. O. (2011). Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(49), 227-235. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200010>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20, 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. (2011). *Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres*. Secretaria de Políticas para as Mulheres - Presidência da República. <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>
- Silva, M. A., Falbo Neto, G. H., & Cabral Filho, J. E. (2009). Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 121-127. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000100015>
- Stenzel, G. Q. L., & Lisboa, C. S. M. (2019). História de Vida e Características de Personalidade de Agressores Conjugais: Contribuições Psicanalíticas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2918. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2918>
- United Nations. (1993). *Declaration on the Elimination of Violence against Women* [Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres]. Geneva. <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/declaration-elimination-violence-against-women>